

Possessivos e advérbios: formas fracas como X^o

Ana Castro*

João Costa

Universidade Nova de Lisboa

Introdução: tipologia das formas pronominais: fortes, fracas e clíticos

Em Cardinaletti & Starke (1994), é proposto que as formas pronominais sejam divididas em formas fortes e não-fortes, sendo estas últimas divididas em formas fracas e clíticos, como ilustrado em (1):

(1) Tipologia das formas pronominais

"strong" (forte)	formas fortes	XP
"deficient" (não-forte)	formas fracas	XP
	clíticos	X ^o

De acordo com os autores, os pronomes fortes caracterizam-se por exibirem as seguintes propriedades:

- podem ser modificados, coordenados, focalizados contrastivamente ou usados isoladamente;
- só podem referir entidades com o traço [+humano];
- são portadores de referência própria, independentemente de poderem estar associados a um antecedente no discurso;
- são formas tónicas;
- são XP, semelhantes aos DPs, projecções máximas plenas.

As propriedades das formas fracas são as seguintes:

- apresentam formas morfologicamente reduzidas;
- não podem ser modificadas, coordenadas, focalizadas contrastivamente ou usadas isoladamente;
- podem referir entidades com o traço [-humano];
- são sempre anafóricas.

A distinção proposta entre formas fracas e clíticos baseia-se nas seguintes diferenças:

* Bolsa de Doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e da Tecnologia (PRAXIS XXI/BD/21603/99)

As formas fracas:

- podem ocorrer em posição inicial (alemão) e em posição não adjacente ao verbo (italiano);
- são formas tónicas;
- são XP, mas projectam uma estrutura mais reduzida (mais fraca) que a estrutura das projecções máximas plenas.

Os clíticos:

- não podem ocorrer em posição inicial;
- ocorrem em posição adjacente ao verbo;
- são formas átonas;
- são X^o.

Cardinaletti e Starke (1994) propõem que esta classificação tripartida não se restrinja às formas pronominais e notam que a morfologia dos vários tipos de formas não tem de ser distintiva.¹

É curioso observar que, em termos estritamente sintácticos, a maior parte dos testes que caracterizam as formas fracas, à excepção da possibilidade de ocorrência em primeira posição em línguas V2, são típicas de X^o e não de XP. O objectivo deste artigo é alargar a classificação de Cardinaletti e Starke (1994) de forma a reconhecer a existência de formas fracas nucleares, o que permite dar conta do comportamento dos possessivos pré-nominais e de alguns advérbios em português.

2. Comportamento dos possessivos pré-nominais em português.

Cardinaletti (1998) propõe que a divisão em formas fortes, fracas e clíticas seja estendida ao sistema dos possessivos. Esta tipologia dá conta das propriedades dos sistemas dos possessivos nas línguas românicas e germânicas.

A autora mostra que as propriedades dos possessivos relevantes para esta distinção variam com a posição:

- os possessivos pré-nominais são “deficient”, formas fracas ou clíticos;
- os possessivos pós-nominais são “strong”, formas fortes.

A favor desta proposta de classificação são apresentados os seguintes argumentos:

A. Os possessivos pré-nominais não podem ser focalizados ou contrastados, coordenados ou modificados.

¹ Veja-se, por exemplo, a identidade morfológica entre os pronomes fortes e fracos do alemão.

Os possessivos pós-nominais podem ser focalizados ou contrastados, coordenados e modificados.

- (2) a. *la SUA casa, non tua Cardinaletti (1998:19-20)
 b. la casa SUA, non tua
- (3) a. *la sua e tua/sua e di Maria
 b. la casa sua e tua/sua di Maria
- (4) a. *la solo/propria sua casa
 b. la casa solo/proprio sua

B. Os possessivos pós-nominais e em contextos fortes (predicativos e contextos isolados) são restritos a referentes humanos; os pré-nominais não.

- (5) a. Il suo_i coperchio è molto pratico. i = João/frigideira
 b. Il coperchio SUO_i è molto pratico. i = João/*frigideira

C. Os possessivos pré-nominais não podem introduzir um novo referente no discurso; os pós-nominais podem.

- (6) (A: La macchina di chi ti ha investito?)
 a. B: *La sua macchina.
 b. B: La macchina sua.

De acordo com estas diferenças, Cardinaletti propõe a tipologia das formas possessivas apresentada em (7):

(7) Tipologia das formas possessivas

possessivos pós-nominais	formas fortes	XP pós-nominal
possessivos pré-nominais	formas fracas	XP em Spec, AgrSNP
	clíticos	X ² em D

Procuramos agora testar se esta hipótese pode ser alargada a uma descrição dos possessivos em português europeu. Como se sabe, os possessivos pré-nominais, nesta língua, ocorrem em contextos definidos, enquanto os pós-nominais ocorrem em contextos indefinidos (ver Brito 2001, Castro 2001, entre outros). Apesar de haver esta relação com definitude, é possível mostrar que o seu estatuto enquanto formas fortes e fracas não é idêntico na posição pré- e pós-nominal, embora não seja possível estabelecer um claro paralelo com os dados do italiano.

Assim, os possessivos pré-nominais, em português europeu, têm comportamentos que os aproximam de formas fortes: podem ser focalizados; podem ser con-

trastados; podem ser coordenados; podem introduzir um novo referente no discurso. Os exemplos em (8-11) mostram que, ao contrário do que acontece em italiano, o possessivo pré-nominal é focalizado e coordenado, não sendo usado o possessivo pós-nominal neste contexto. Assim, a agramaticalidade dos exemplos em (b) pode ser explicada não só pela associação do elemento pós-nominal com o traço definido, mas também pelo facto de não ser necessário utilizar o elemento pós-nominal para focalizar e contrastar, como acontece em italiano.

- (8) a. O MEU problema é que não percebo nada disto.
*O problema meu é que não percebo nada disto.
- (9) a. Esse é o MEU problema, não o teu.
b. *Esse é o problema meu, não o teu.
- (10) a. O meu e VOSSO problema é que vocês não estudam.
??O problema meu e VOSSO é que vocês não estudam.
- (11) A: O carro de quem é que está mal estacionado?
B: O teu/TEU carro.
*O carro teu.

É, contudo, possível mostrar que os possessivos pré-nominais também exibem comportamentos típicos de formas fracas: não podem ser modificados; podem referir entidades com o traço [-humano]; podem ser alvo de redução fonética em português dialectal, como ilustrado nos exemplos em (12-14). As mesmas restrições não se aplicam aos possessivos pós-nominais.

- (12) a. *O só meu problema é que não percebo nada disto.
b. Um problema só meu é que não percebo nada disto.
- (13) a. A sua_i tampa é muito prática. i = Maria/panela
b. Encontrei uma tampa sua_i. i = Maria/*panela
- (14) a. O m[e] livro
b. Um livro *[me]/[mew]

O facto de os possessivos pós-nominais exibirem propriedades semelhantes às do italiano permite assumir que estas formas também têm comportamento de formas fortes em português.

Quanto aos possessivos pré-nominais, a situação parece ser mais complexa. Como vimos, estes têm propriedades que os aproximam das formas fracas, mas, podem, no entanto, ser focalizados, contrastados, coordenados e introduzir um novo referente no discurso (tal como as formas fortes em italiano). Note-se que as construções em que os possessivos pré-nominais têm um comportamento que se aproxima das formas fortes parecem envolver sempre foco. Isto é óbvio para os casos de focalização e contraste, e pode ser mostrado para os casos de coordenação, a qual só é possível se um dos possessivos coordenados for focalizado, como mostrado em

(10a). A questão que deve ser colocada é, assim, como podem ser entendidas estas propriedades de forma forte e fraca, tendo em conta o papel desempenhado por foco.

Antes de respondermos a esta questão, observemos, na próxima secção o comportamento de alguns advérbios que também exibem um comportamento parcialmente semelhante ao das formas fracas.

3. Advérbios com comportamento fraco

Apesar de se considerar que a maior parte dos advérbios são categorias máximas, alguns advérbios exibem um comportamento que os aproxima do de núcleos. Em (15), são apresentados alguns exemplos:

- (15) cá (com valor locativo)
 lá (com valor locativo)
 aqui
 então
 já

Para argumentar a favor do comportamento fraco destas formas, torna-se útil a comparação entre o comportamento destes advérbios e o comportamento dos pronomes clíticos, para os quais é consensual a atribuição de um estatuto nuclear. Estes advérbios apresentam semelhanças com núcleos nos seguintes aspectos:

1. Tal como os clíticos, alguns destes advérbios não podem surgir em posição pré-verbal em contextos típicos de ênclise:

- (16) Clíticos:
 a. *Eu o vi.
 a'. Eu vi-o.
 b. *Eu me lavo.
 b'. Eu lavo-me.
- (17) Advérbios 'fracos':
 a. *Eu lá estive.
 a'. Eu estive lá.
 b. *Eu cá venho.
 b'. Eu venho cá.
 c. ??*Eu lá comprei um livro.
 c'. Eu comprei lá um livro.

Como ilustrado em (18), este comportamento não é reproduzido pelos advérbios com estatuto de XP:

- (18) Outros advérbios:
- a. Eu ontem estive muito cansado.
 - a'. Eu estive ontem muito cansado.
 - b. Eu hoje venho.
 - b'. Eu venho hoje.
 - c. Eu provavelmente comprei um livro.
 - c'. Eu comprei provavelmente um livro.

Poderia supor-se que a impossibilidade de obter (17a) e (17b) se prende com o facto de os advérbios desempenharem uma função predicativa ou de complemento naquelas frases. Contudo, nalguns contextos de próclise, estes advérbios podem surgir em posição pré-verbal, contrariamente ao que acontece com outros elementos com função predicativa ou de complemento:

- (19) Advérbios 'fracos':
- a. Nunca lá estive.
 - b. Já cá vim.
 - c. Só aqui estive uma vez.

Estas posições não se encontram disponíveis para outras formas com função predicativa ou de complemento:

- (20) a. *Nunca nessa casa estive.
 b. *Já a esta cidade vim.
 c. *Só em Paris estive uma vez.
 (agramatical na leitura *Só estive uma vez em Paris*)

Note-se que não é possível propor que estas formas são clítics, uma vez que a sua distribuição é apenas remanescente da dos clítics:

- a) A posição pré-verbal para os advérbios não é obrigatória, ao contrário da próclise para os clítics nos contextos relevantes:

- (21) Advérbios 'fracos':
- a. Nunca lá estive.
 - a'. Nunca estive lá
 - b. Já cá vim.
 - b'. Já vim cá.
 - c. Só aqui estive uma vez.
 - c'. Só estive aqui uma vez.

b) Nalguns contextos de próclise, a posição pré-verbal é impossível:

- (22) a. *Não lá estive.
 b. *A Maria disse que cá esteve.

c) Ao contrário dos clíticos, estas formas podem surgir isoladas e em posição inicial:

- (23) A: Onde é que ficas?
 B: Lá.

(24) Lá moram três pessoas.

d) Ao contrário dos clíticos, estas formas podem ser coordenadas:

- (25) Ando cá e lá.

Importa aqui notar que nada exclui que existam formas fortes e fracas homófonas. Note-se que, por exemplo, a possibilidade de coordenar está excluída em posição pré-verbal:

- (26) a. Já estive cá e lá.
 b. *Já cá e lá estive.

e) Nem todos os advérbios listados em (15) se comportam de forma semelhante. Por exemplo, o advérbio *já* pode surgir em posição pré-verbal em contextos típicos de ênclise. Nos clíticos, o comportamento é uniforme:

- (27) a. Eu tinha já três livros.
 b. Eu já tinha três livros.

2. A segunda semelhança entre estes advérbios e outro núcleos concerne ao seu comportamento em contextos de movimento do verbo. Como ilustrado em (28), alguns destes advérbios comportam-se como núcleos por poderem acompanhar o verbo, quando este se move:

- (28) a. O que já tinhas tu feito?
 b. Com quem lá tinhas tu ido?
 c. O que aqui vinhas tu fazer?
 d. ?O que então se chamava às mulheres?

Este comportamento não é reproduzido por outros advérbios ou XPs com função adverbial:

- (29) a. *O que ontem tinhas tu feito?
 b. *Com quem provavelmente tinhas tu ido?
 c. *O que a esta sala vinhas tu fazer?
 d. *O que nesses tempos se chamava às mulheres?

3. Finalmente, tal como outros núcleos, alguns advérbios podem surgir como resposta a interrogativas totais:

- (30) A: Já tinhas lido o livro?
 B: Já.

Propomos que esta seja uma propriedade de núcleos, dado o comportamento de respostas que não repetem todos os elementos de uma determinada pergunta. Conforme ilustrado no contraste entre (31) e (32), apenas núcleos (clíticos, neste caso) podem ser repetidos na resposta, se esta não repetir todos os elementos da pergunta:²

- (31) A: Já o viste com óculos?
 B: Já o vi, já.
 (32) A: Já viste o João com óculos?
 B: *Já vi o João, já.

Os exemplos em (33) e o contraste entre (33) e (34) mostram que os advérbios fracos se comportam como os clíticos:

- (33) A: Já lá foste com a Maria?
 B: Já.
 B' Já lá fui, já.
 (34) A: Já foste ali com a Maria?
 B: *Já fui ali, já.

O comportamento descrito para estes advérbios permite retirar as seguintes conclusões parciais:

a) Tal como no sistema de possessivos, parece haver no sistema adverbial formas homófonas que, consoante a posição, têm um comportamento mais ou menos típico de XP.

b) No sistema de possessivos, a posição pós-nominal, é típica de XP. A posição pré-nominal não é clítica, mas não apresenta propriedades típicas de XP, pelo menos não uniformemente (Castro 2001 e secção 2).

² Ver Santos (este volume) para uma proposta semelhante.

c) No sistema adverbial, a posição pós-verbal é típica de XP. A posição pré-verbal dos advérbios em questão não é clítica, mas apresenta várias semelhanças com o comportamento exibido por núcleos.

4. Proposta e predições

Para se compreender as propriedades descritas para os advérbios e para os possessivos pré-nominais descritos nas secções anteriores, propomos que a tipologia de Cardinaletti e Starke (1994) seja revista de forma a incluir núcleos nas formas fracas não-clíticas, conforme indicado na seguinte tabela:³

"strong" (forte)	formas fortes	XP
"deficient" (não-forte)	formas fracas	X° XP
	clíticos	X°

Esta proposta de revisão permite formular a hipótese de que os possessivos pré-nominais e advérbios 'fracos' em PE são X°⁴.

Esta hipótese faz as seguintes predições:

A. É predito que as formas em análise não tenham um comportamento idêntico ao dos clíticos. Sendo formas fracas não-clíticas, espera-se que exibam um comportamento típico de X°, mas não idêntico ao dos clíticos.

B. É explicada a assimetria de comportamento entre possessivo pré- e pós-nominal e entre advérbio 'fraco' pré-verbal e a correspondente forte em posição pós-verbal. Sendo os pré-nominais formas fracas com estatuto nuclear:

- (i) não podem ser modificados;
- (ii) não podem ser coordenados, sem focalização;
- (iii) podem ser reduzidos.

Sendo os advérbios em análise pré-verbais núcleos, prediz-se que exibam propriedades típicas de X°, movendo-se com o verbo, ocorrendo em posições típicas de núcleos e ocorrendo em respostas a interrogativas sim-não.

C. Finalmente, o padrão de focalização, em que o possessivo pré-nominal parece exibir propriedades típicas das formas fortes, é explicável. Se o possessivo

³ A proposta de que os possessivos pré-nominais em português são núcleos é independentemente feita em Castro (2001) e Miguel (2001).

⁴ Distanciamos-nos de Muidine (2000), que propõe que não existem formas fracas em PE contemporâneo.

pré-nominal é X^o , a sua posição não pode ser alterada para efeitos de focalização. Seguindo a proposta de Costa (1998), o movimento ou ausência de movimento para fins discursivos afecta apenas XPs, conforme ilustrado em (35), em que não se recorre a não-movimento do verbo para o deixar na posição típica de focos.

- (35) A: O que é que o João fez ao livro?
B: *O João o livro vendeu.

A estratégia utilizada para a focalização de núcleos é acentual, conforme ilustrado em (36):

- (36) A: O que é que o João fez ao livro?
B: O João VENDEU o livro.

Se o possessivo pré-nominal fosse XP, tal como proposto por Cardinaletti (1998) para o italiano, poderia ser deslocado para posição final de sintagma para receber acento nuclear, o que não acontece em português:

- (37) a. *O livro meu/MEU
b. O MEU livro

Desta forma, explica-se que a necessidade de focalização não se possa sobrepor à associação entre posição e definitude. Se o possessivo associado a contextos definidos fosse um XP, poderia supor-se que, em contextos muito restritos de focalização, pudesse ocorrer em posição pós-nominal, tal como acontece em italiano. Sendo X^o , essa hipótese é independentemente excluída.

D. Finalmente, a nossa hipótese permite explicar os casos atestados de possessivos pré-nominais modificados por advérbios (Brito 2001:569), que, à primeira vista, constituem um contra-argumento para a hipótese de Castro (2001), segundo a qual os pré-nominais são núcleos e não XPs. Conforme ilustrado em (38), os exemplos em questão parecem envolver advérbios 'fracos':

- (38) a. a ainda minha mulher
o ainda meu andar
a já sua noiva

Se assim for, não haverá modificação de XP por XP, mas uma cadeia de adjuntos nucleares. Além disso, conforme ilustrado em (39), parece haver uma dependência do advérbio relativamente ao possessivo, já que, quando o possessivo desaparece o advérbio não se pode manter, o que permitiria assumir que, de facto, estamos perante um caso de modificação de um X^o por outro X^o , e não de uma posição disponível para modificação adverbial dentro da estrutura do DP:

- (39) a. a já sua noiva
 ??a já noiva dele
 *a já noiva do João

5. Conclusão

A hipótese de revisão da tipologia de Cardinaletti e Starke (1994) por nós proposta permite dar conta dos dados envolvendo possessivos pré-nominais e formas adverbiais fracas.

Apesar de adicionar mais uma possibilidade à tipologia, esta proposta permite uma análise mais detalhada dos dados (ver também Fiéis 2000) e explica por que motivo as formas fracas apresentam propriedades sintáticas mais próximas de diagnósticos para identificação de núcleos do que para a identificação de XPs (um problema também notado por Britto 2000).

Referências

- BRITO, Ana Maria (2001) "Presença / ausência de artigo antes de possessivo no Português do Brasil" In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 551-575.
- BRITTO, H. (2000) "Syntactic codification of categorical andthetic judgements in Brazilian Portuguese". In M. Kato & E. Negrão (ed) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt/Madrid, Vervuert Iberoamericana.
- CARDINALETTI, Anna, & Michal Starke (1994) "The Tipology of Structural Deficiency: a Case Study of Three Classes of Pronouns" In Henk van Riemsdijk (ed) (1999) *Clitics in the Languages of Europe*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 33-82.
- CARDINALETTI, Anna (1998) "On the Deficient/Strong Opposition in Possessive Systems" In Artemis Alexiadou & Chris Wider (eds) *Possessors, Predicates, and Movement in the Determiner Phrase*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 17-53.
- CASTRO, Ana (2001) "Os Possessivos em Português Europeu e Português Brasileiro; Unidade e Diversidade" In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 599-613.
- COSTA, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*. Dissertação de Doutoramento, HIL/Leiden University.
- FIÉIS, Alexandra (2000) "Interpolação em Português Medieval como Adjunção a XP". Ms, Universidade Nova de Lisboa.
- MIGUEL, Matilde (2001) "Para uma tipologia dos possessivos". Comunicação Apresentada no XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa
- MUIDINE, Soraia Aboo (2000) *Os pronomes i e en(de) no português dos séculos XIII a XVI*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Ana Lúcia (este volume). "Answers to yes/no questions and clitic placement: the question of adverbs"